



RESENHA

AMIR-MOEZZI, Mohammad Ali; DYE, Guillaume (Orgs.). *Le Coran des historiens*. Paris: Cerf, 2019. ISBN: 978-2-204-13551-1. 1014 p. (v. 1) + 2386 p. (v. 2)

Pedro Lima Vasconcellos*

Monumento soberbo que condensa grande parte dos resultados mais alentados alcançados pelos estudos acadêmicos sobre a formação e as origens do Corão, inédito em sua grandeza e, principalmente, nos escopos ambiciosos que persegue, *Le Coran des historiens* se apresenta num modo peculiar. Estão disponíveis em formato impresso dois volumes (sendo que o segundo se desdobra em dois tomos), enquanto o terceiro, editado apenas em versão digital, apresenta uma bibliografia abrangente de estudos sobre o Corão a ser continuamente atualizada. Aqui me concentro no material impresso.

A empreitada teve a condução de dois eminentes islamólogos contemporâneos: os professores Mohammed Ali Amir-Moezzi (Paris), especialista nas questões relativas à configuração do islã xiita, e Guillaume Dye (Bruxelas), conhecido por agudas abordagens de suras corânicas (destaco, em particular, seus estudos em torno da sura 19). Sob a coordenação de ambos se articulou uma equipe de vinte e seis especialistas, atuantes em diversas instituições universitárias na França, Alemanha, Estados Unidos, Israel e Espanha, entre outros países, para a elaboração dessa obra gigantesca.

Dos dois volumes, começo pelo segundo (com quase duas mil e quatrocentas páginas). Ele oferece um comentário minucioso ao conjunto que forma o Corão atualmente conhecido, em uso no mundo muçulmano – assim se diz – há mais de mil anos: no primeiro tomo, são comentadas as suras 1-26; às suras 27-114 é consagrado o segundo tomo. O comentário a cada uma delas se organiza a partir dos seguintes tópicos básicos: a) estrutura geral, em que se comentam o título, a estrutura e o plano da sura, a datação proposta, o gênero literário e o lugar da sura no conjunto do livro; b) o comentário propriamente dito, que se detém nos versículos (aleias) ou em unidades maiores de sentido, com alargamentos e digressões que aparecem quando percebida a necessidade a respeito de questões gramaticais, semânticas, históricas, etc.

Os organizadores da obra assim apresentam seu foco: “um comentário contínuo do conjunto do Corão, fundado numa abordagem histórico-crítica” (v. 2, t. 1, p. 7), tanto recuperando resultados de pesquisas originadas já no século XIX quanto notificando pistas abertas por investigações mais recentes, e, ainda, assumindo a perspectiva

* Professor do PPG em História da UFAL (Maceió-AL). Livre-docente em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). Contato: plvascon@uol.com.br

metodológica historiográfica mais complexa de nossos dias. Mas isto diz apenas parte do que diferencia a obra: com efeito, mostram os próprios organizadores, um projeto como o *Corpus coranicum*, coordenado por Angelika Neuwirth (Berlim), do qual também apareceram alentados comentários ao texto corânico, se apresenta com propósito semelhante, mas “se situa resolutamente no quadro do ‘paradigma nöldekiano’” (p. 10; referência a um modelo teórico proposto em 1860 pelo estudioso alemão Theodor Nöldeke, a que logo me referirei). A obra aqui resenhada se afasta desse paradigma, ao menos “na maior parte dos que contribuem” (p. 10). E, com isso, chego ao ponto nevrálgico da questão, que ressalta sua importância fundamental e o seu caráter único.

Com efeito, *Le Coran des historiens* se distancia fundamentalmente de duas vertentes interpretativas quanto ao livro sagrado muçulmano, que, no fundo e ao cabo, acabam por convergir. A primeira concerne a toda uma tradição acadêmica que praticamente reproduz os dados sobre a composição do livro, bem como a significação de seus conteúdos, presentes em tantos títulos que compõem a tradição teológica e histórica muçulmana: o livro se compõe de registros, dotados de exatidão absoluta, dos ditos comunicados pelo profeta Muhammad durante vinte anos; em mais outros vinte e poucos anos, se deu a codificação definitiva destes materiais, logo instituída como a *vulgata*, uniforme em todo o mundo muçulmano que se expandia vertiginosamente ao longo do século VII. Já a interpretação dos conteúdos dos livros há de ser encaminhada, sempre segundo essa vertente, a partir da inserção de cada um deles na trajetória biográfica de Muhammad delineada, mais uma vez, no seio da tradição muçulmana que se desenvolvia no século VIII e nos tempos subsequentes. Em outras palavras: biografia do Profeta e conformação do Corão alimentam-se mutuamente nos contornos que vão assumindo.

A outra vertente interpretativa se quer independente da tradição muçulmana e tributária, em termos metodológicos, dos procedimentos adotados pelas pesquisas que, desde o século XVIII, se detiveram sobre as Escrituras judaicas e a Bíblia cristã sob o qualificativo “histórico-crítico”. De modo geral, o desafio enfrentado era o de identificar, para os textos (sejam as suas unidades maiores, sejam aquelas de menor extensão), os ambientes históricos e culturais de seu surgimento e neles inseri-los: o famoso *Sitz im Leben* (literalmente “lugar na vida”) era o objetivo sempre perseguido, para todo e qualquer texto, como ponto de partida indispensável para a interpretação da unidade textual em jogo. No entanto, no tocante ao Corão, embora se pretenda autônomo em relação aos olhares confessionais com que muçulmanos miram as próprias origens, a vertente que ora comento praticamente toma como cláusula pétrea o dado da tradição segundo o qual os materiais que hoje compõem o Corão estão diretamente vinculados à comunicação de Muhammad. Não é à toa que o já citado Nöldeke não faça outra coisa que distribuir, a partir de suas avaliações de teor filológico e afins, as suras corânicas nas duas fases em que a atividade profética do líder se dividiria: a) aquela desenvolvida basicamente em Meca, entre 610 e 622, e que se desdobra em três etapas sucessivas; b) aquela que transcorre com base em Medina, entre 622 e 632. Esse modelo, ainda dominante nos estudos sobre a formação do Corão, se mostra, ao final, uma verdadeira camisa-de-força, e com sua aplicação se avança muito pouco em relação aos postulados confessionais quanto ao aparecimento do livro. Evidenciam-no as tentativas de Neuwirth de tomar o Corão como um fruto do Oriente Médio nos tempos da Antiguidade tardia;

os resultados quase sempre decepcionam, em que pesem a enorme erudição da autora e observações pontuais pertinentes sobre aspectos do texto e temas variados em torno a ele: não se sai de uma Arábia praticamente isolada e, portanto, desfigurada, a enraizar o Corão nas primeiras décadas do século VII.

Diante desse cenário, a obra aqui resenhada assume como eixo – compartilhado de forma mais ou menos decidida pelos componentes da equipe de colaboradores – uma ruptura com esta relação assim estreita entre Muhammad e os conteúdos do livro e com o aceleradíssimo processo pelo qual o livro único teria sido configurado. E aqui entra no foco da avaliação o seu volume 1 (de mais de mil páginas), com o subtítulo “Estudos sob o contexto e a gênese do Corão”, certamente o apanhado mais abrangente de ensaios que enraízam o futuro livro sagrado muçulmano para muito além da Arábia, sem que ela seja desconsiderada (muito pelo contrário). Em torno de três eixos principais giram os vinte artigos que compõem o volume. A sessão “O Corão e os inícios do islã: contexto histórico e geográfico” nos apresenta dados fundamentais da arqueologia e da epigrafia que tanto articulam a Arábia ao mundo mais amplo ao qual ela se via ligada quanto incidem na configuração do texto corânico, mas nos remete também ao mundo persa com suas especificidades. Dentro desse ambiente amplo serão recolocadas questões em geral postas de modo altamente problemático, dados os pressupostos frágeis em que se sustentam: a(s) vida(s) de Muhammad e a formação do “império árabe”.

A segunda sessão (“O Corão no cruzamento das tradições religiosas da Antiguidade tardia”) é de particular importância, na medida em que descortina os traços gerais de um caleidoscópio religioso amplamente diverso, no Oriente Médio e adjacências daqueles tempos tardoantigos, mostrando a necessidade inescapável de se pensar a confecção dos textos formadores do Corão à luz deste cenário assim complexo. Capítulos sobre o judaísmo – com os escritos apócrifos elaborados em seu interior – e o cristianismo nos territórios que então formavam o império bizantino e em que suas populações se comunicavam majoritariamente em siríaco, bem como em outros para além de suas fronteiras (Irã e Etiópia), são acompanhados de um sobre o maniqueísmo e outro sobre a ambientação legal do Corão. Outros três capítulos assumem importância particular, ao ressaltar elementos decisivos para o entendimento de não poucas passagens corânicas: aquele a respeito das várias correntes denominadas, na falta de outro nome, “judeu-cristãs”, e os trabalhos sobre “os apocalipses siríacos” e “a apocalíptica iraniana”. Ao final dessa sessão ficamos com a sensação do quanto de óbvio acaba olvidado quando se insiste no “insulamento” do Corão e de Muhammad (seja qual for a responsabilidade que se lhe atribua quanto aos conteúdos que formam o livro) numa Arábia que é peninsular, estreitamente conectada por terra aos territórios mais a seu norte e por mar tanto à África quanto à Pérsia: os teores do livro resultam dessas dinâmicas sociorreligiosas a um só tempo convergentes e conflitantes em territórios multiculturais e multilinguísticos, com divisões e tensões sociais acentuadas em várias instâncias e formatos.

A última sessão, “O corpo corânico”, talvez seja aquela em que as contribuições assumam relevância mais desigual, dadas as temáticas distintas que as justificam, mas também as perspectivas de fundo que animam autores e autora dos capítulos em questão. De maneira mais explícita num caso, de modo bem mais cauteloso noutro, os dois artigos consagrados à espinhosa questão dos manuscritos corânicos se mostram

vinculados a um dado básico da mitologia muçulmana tornado (outra) cláusula pétrea na pesquisa acadêmica: a existência de um texto corânico unificado já na metade do século VII, fundamentalmente concorde com o atualmente reconhecido no mundo muçulmano como canônico. Um palimpsesto antiquíssimo, encontrado há algumas décadas em Sana'a (capital do atual Iêmen), testemunhando, tanto em sua escrita inferior (mais antiga) como na superior (mais recente), dois textos “corânicos” que divergem consideravelmente entre si e também da versão *vulgata* em vários detalhes (disposição e extensão das suras, divergências textuais), bem como outros achados documentais, ainda não produziram o impacto correspondente à importância que efetivamente comportam.

Os três artigos restantes, de responsabilidade dos organizadores gerais da obra, são bem mais densos e promissores. Dois ensaios – de alguma forma complementares – recolocam a discussão sobre o contexto mais imediato da redação dos textos até a canonização do Corão, passando pela coleta dos materiais que, enfim, o constituiriam. Os resultados a que o autor chega obviamente destoam do comumente aceito e reproduzido, mas não deixam de soar um tanto modestos, ficando aquém do que os próprios caminhos argumentativos tecidos e trilhados nos ensaios permitem antever. E o volume se encerra com a exposição de um tema tão espinhoso como geralmente ignorado: a existência, no xiismo dos primórdios, de dúvidas quanto à autenticidade daquele Corão que, resultante de um processo de decantação bem mais alongado do que comumente admitido, se impunha como vindo dos tempos míticos de Muhammad e da primeira geração que o seguia.

Quatro pontuações a modo de conclusão. Primeiramente, fez falta um ensaio que expusesse as dinâmicas socioculturais de fundo próprias aos ambientes e tempos em que se desenrolaram os processos tratados nos artigos reunidos no volume 1 da obra, algo como o que se lê no brilhante *A angústia de Abraão*, de Emilio González Ferrín (São Paulo: Paulus, 2018, cap. 24-27): o Corão é tributário tanto destes como daquelas.

Nota-se também certa cautela frente a alguns postulados mais arrojados que a pesquisa recente tem apresentado; ilustro-a com a referência a dois nomes. Chama atenção a quase nenhuma menção a Christoph Luxenberg e sua teoria sobre um amplo lastro siro-aramaico e cristão para o Corão. Por outro lado, nota-se a sombra poderosa dos estudos de John Wansbrough em vários dos trabalhos do primeiro volume e nos comentários a algumas suras; nem por isso seus postulados metodológicos, bem como os resultados a que suas pesquisas chegam (por exemplo, sobre o processo plural e elástico de elaboração daquilo que só nos tempos abássidas se constituiria num Corão único e assumido de forma [quase] geral no âmbito do islã que se organizava) encontraram eco mais denso ou uma discussão que os revisasse, na esteira indicada por alguns estudos de Herbert Berg.

Essas ressalvas em nada comprometem a avaliação geral: a obra impacta pela amplitude, quantidade e densidade das informações reunidas, pelas possibilidades que se abrem e os horizontes que se descortinam da leitura, seja dos comentários às suras, seja do conjunto dos artigos que os antecede. Consolida um caminho de abordagem da gênese do Corão que, longe de ignorar as fontes muçulmanas a respeito da origem do livro e da religião, entende que cabe submeter também elas às mesmas lentes (histórico-)críticas.

Enfim, a última observação. Diferentemente do que pensam cientistas da religião aqui e ali, que assumem como tarefa de sua disciplina a abordagem dos “textos sagrados” apenas nos efeitos que eles vão surtindo, nas histórias que vão fazendo a partir de sua condição diferenciada, *Le Coran des historiens* evidencia como a questão é muito mais ampla ao revelar as potencialidades que a abordagem destes textos também quanto a sua gênese, composição e consolidação proporciona. O Corão dos/das cientistas da religião é testemunha qualificadíssima e insubstituível de dinâmicas sociorreligiosas que o precedem (porque decorrente delas), de umas tantas que lhe são concomitantes (porque interativo com elas), e ainda de outras que se dão em virtude e a partir de sua consolidação (até porque muitas delas são impactadas por seu aparecimento). Quanto a esta última perspectiva, a obra aqui resenhada aguarda continuidade que lhe esteja à altura.

Editor: Silas Guerriero

Recebido em: 30/03/2021

Aprovado em: 24/09/2021